



AVANÇO OU RETROCESSO SOCIAL: UMA ANÁLISE CULTURAL SOBRE A INSERÇÃO DA MULHER NA MÚSICA FUNK

Filipe Lins dos Santos¹

Resumo: A cultura é um conjunto de elementos materiais e imateriais que compõem o imaginário social e o discurso de sexualidade permitindo a este se tornar um instrumento de organização e poder dos gêneros na sociedade. Nesse aspecto de sua imaterialidade observa-se a existência de símbolos e da linguagem, que transmitidos pelas pessoas mediante diversos meios, inclusive a música, permitem a criação de uma polaridade e as identidades abstraídas por uma análise sociocultural que propicia compreender elementos invisíveis, mas constroem normatizações e comportamentos opressores e propagadores de uma ideologia. Portanto tomando como fulcro o funk encontrar-se-ão tais características, pois ele é um reflexo discursivo de uma cultura em que está inserido. Assim, o presente estudo tem o objetivo de analisar a construção cultural e sua transmissão por parte desse estilo musical, procurando compreender a inserção da mulher no funk, a fim de refletir os possíveis avanços ou retrocessos presentes nessa cultura e como às políticas públicas podem contribuir para proporcionar autonomia e reconhecimento social das mulheres. Para tal estudo se partirá da leitura e investigação de músicas da banda “Gaiola das Popozudas” que apresentem um discurso de sexualidade diferenciado da estrutura de subjugação feminina, utilizando-se assim de músicas em que as mulheres são agentes ativos, principalmente no sexo e no uso livre de sua sexualidade.

Palavras-chaves: feminismo, identidade de gênero e preconceito.

Organização Social e a seleção social dos grupos

O discurso social é sistematizado com o objetivo de transmitir a forma de organização da sociedade e seus limites, mas para isso o poder transmitido nele busca especializar-se com o intuito de nas suas manifestações diferenciadas atingir o receptor de forma ampla.

¹ Estudante de Graduação do Curso de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba –UFPB. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Gênero e Direito – NEPGED e Membro do Núcleo de Estudos em Direito Público e Comércio Internacional – NESDPUI. Filipelins2000@yahoo.com.br



Uma de suas especializações é o subjetivo que cria no imaginário da comunidade uma vinculação de elementos abstratos criadores do Eu Social apresentado como um padrão ao indivíduo de seus comportamentos, quando ele é incorporado na sociedade atinge-se o nível de Espírito Social e tornando-se transmissível discursivamente para fins de vinculação de um grupo.

O poder objetivo forma um agir inquisidor, perante o ato indesejável, isto é, diante de algo socialmente reprovável ele permitirá ao agente uma legitimidade para punir o indivíduo por diversas formas. Essa solidificação ocorre, quando esse poder objetivo cria o Espírito Disciplinador.

A diferença desse para a sanção encontra-se principalmente nos seus níveis de atuação, uma vez que o primeiro atua numa legitimidade psíquica no ser inquisidor, enquanto no segundo há o exercício próprio da punição de acordo com normas vigentes na sociedade.

{...} suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. FOUCAULT (2009, p. 8 e 9)

Nesse sentido percebe-se no discurso social a presença da Tríade discursiva do Espírito Social, uma vez que ele é produto do conjunto interrelacional das formas de especializações do poder com os elementos dessa tríade, a saber: a linguagem, símbolos e rituais.

As maneiras de apresentação dessas especialidades criam na construção da Tríade discursiva do Espírito Social uma rede de comunicação perpassada pelas formas de informação da sociedade, assim pode-se entender que ela é unida por uma rede de relações informacionais embasada no discurso e necessidade de equiparação dos elementos, isto é, com a importância de transmissão de um discurso uno precisam-se da reprodução de uma linguagem, símbolos e rituais que se complementem, logo qualificando a noção discursiva e conseqüentemente a compreensão de um poder uno e especializado.

Contudo tais elementos não param apenas nisso, porque ocorre o desenvolvimento de relações de poder refletidas no discurso produzido elementos de interação discursiva e criação da teia informacional nessas relações cada vez mais sólidas.



{...} que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações {...} mas lhes são imanentes; {...} as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor. FOUCAULT (2010, p. 104)

Percebe-se que essas relações são discursivas e geram um processo de incorporação de identidades, logo quando o indivíduo a assume está inserido não apenas numa contextualização discursiva, mas numa rede informacional acerca daquilo incorporado gerando manifestações de poder produzindo uma atração maior ao processo de identitário assumido, pois na sua construção de consciência de si não apenas aceitou-se aquilo qualificador e identificador na sociedade, mas incorporou-se um conjunto de dados sociais que criam uma solidificação de seu reconhecimento social.

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida quotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma {...} e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima. {...} A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de *intimidação* que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a conquista ou reconquista de uma identidade, mas a reapropriação colectiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (e negar os que, entre os seus, não querem ou não podem negar-se) para se fazer reconhecer. BOURDIEU (2010, p. 124 e 125)

Isso nos faz perceber uma trajetória formada pelo discurso, identidade e formação dos grupos sociais, tal caminho é traçado da seguinte forma:



Formação discursiva	Inserção na teia informacional	Produto social
<ul style="list-style-type: none">• Manifestações do poder	<ul style="list-style-type: none">• Absorção das informações relativas à sua identidade	<ul style="list-style-type: none">• Adequação psíquica e social a identidade incorporada
<ul style="list-style-type: none">• Formação da consciência de si	<ul style="list-style-type: none">• Interferência interrelacional em sua domesticação	<ul style="list-style-type: none">• Domesticação e Agregação a massa social
<ul style="list-style-type: none">• Incorporação dos Espíritos		

↓

Adaptação para participação nas relações de poder

↓

Adaptação para apresentação social

↓

Adaptado para permanência e reprodução da identidade social

Com base nisso pode-se compreender que as fases de adaptação do ser social são na verdade produtos ocasionados pelas etapas de trabalho e amoldamento do indivíduo em seu grupo, logo o amoldar produz uma etapa de adaptação mantida e sustentada pelo conjunto discursivo das especificações do poder, porque permite uma manipulação e influência predeterminada na construção da pessoa e sua caracterização identitária.

Essa consciência-de-si não se torna, pois, um Eu que se diferencia verdadeiramente em sua simplicidade, ou que permanece-igual a si mesmo nessa diferença absoluta. Ao contrário, ao formar a consciência recalcada sobre si torna-se objeto para si mesmo como forma da coisa formada e ao mesmo tempo contempla no senhor o ser-para-si como consciência. HEGEL (2010, p. 152)

Pode-se ainda entender e compreender cada fase de adaptação como processos de seleção natural comunitário, isto é, dentro dos grupos existe um processo de seleção natural semelhante à seleção social, pois na intenção de produção da identidade projeta-se no ser um reflexo do Espírito Social, logo quando ele não consegue alcançar o estágio máximo da evolução sofrerá as punições da sanção e do poder objetivo, que servirão também como instrumento para impulsionarem aquele de comportamento



desviado a voltar a sua conduta predeterminada, portanto pretende-se gerar cópias de identificação formada para grupo.

Isso nos permite entender a ordem do discurso e sua forte influência subjetiva no ser, visto que essa ordem é feita pela necessidade de reprodução e reafirmação das qualidades e identidades, pois isso serve de peça fundamental na formação do maquinário identitário da comunidade, pois a sociedade como ser vivo assemelha-se a uma máquina viva que reproduz e é composta por peças e engrenagens que a caracteriza diante outras sociedades.

Creio que existe um terceiro grupo de procedimentos que permitem o controle dos discursos. Desta vez, não se trata de dominar os poderes que eles têm, nem de conjurar os acasos de sua aparição; trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévias, à disposição de cada sujeito que fala. FOUCAULT (2009, p. 36 e 37)

Com base nesse raciocínio pode-se inferir a relação econômica da identidade a depender do sistema envolvido, pois nesse estágio a sociedade se organiza e utiliza da economia como instrumento transmissor de suas ideologias e formas de influência do discurso.

Nessa conjuntura percebe-se a criação simbólica do mercado de identidades, isto é, a identidade como capital simbólico gerando um mercado de hierarquização e aceitação de produtos com a função de domesticar e instruir o indivíduo. A consequência disso é um ser estereotipado de acordo com o produto que ele absorve.

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física {...} (Re)produzir os agentes é (re)produzir as categorias (no duplo sentido, de esquemas de percepção e de avaliação e de grupos sociais) que organizam o mundo social, categorias não só de parentesco, evidentemente, mas também categorias mítico-rituais; (re)produzir o jogo e seus lances é (re)produzir as condições de acesso à reprodução social (e não apenas à sexualidade), garantida por uma troca agonística que visa a acumular estatutos genealógicos, nomes de linhagem ou de ancestrais, isto é, capital simbólico, e portanto, poderes e direitos duradouros sobre pessoas {...} BOURDIEU (2002, p.)

O mercado de identificação é variável como o capitalismo podendo ter fases sociais com mercadorias mais absorvidas do que outras a depender das necessidades do



mercado, logo o discurso predominante dentro de suas faces de sustentação e manutenção permitirá que algumas imagens ganhem a depender de suas necessidades maiores aceitações.

Portanto pode-se entender que essa relação mercadológica interfere no discurso econômico da identidade social, pois é nas conjunturas políticas e econômicas que aquela identificação adquiriu forças de transmissão informacional, uma vez que há uma rede de dados.

Nesse âmbito pode-se compreender a economia como uma peça fundamental para o discurso social e de identidade de um grupo, sendo essa análise feita por um olhar macro e micro dos diversos discursos.

Assim o Espírito Social interage como na economia das identidades tendo a função de propagação e servindo como veículo transmissor dessa rede criada consequentemente apresentando-se como engrenagem na manutenção do maquinário social.

Isso nos faz perceber que o indivíduo ao nascer participa de três processos na sua interação com a sociedade:

1. A seleção natural dos grupos sociais
2. Sua participação enquanto ser econômico
3. Sua posição enquanto ponto de informação

O primeiro processo é o mais complexo, porque nele o ser pode ser excluído do status de ponto de informação, logo estando expulso da teia de intercomunicação. A fase seletiva apresenta-se fundamental por determinar decisivamente na postura do ser em relação à sociedade.

Em sua segunda fase processual ele atua no mercado não apenas na valoração econômica que sua identidade pode proporcionar, mas sim na ligação político-econômica, porque da imposição da identidade observa-se uma sobreposição daquilo que deve ser seguido e uma fase de cooperação e sistematização na manutenção das identidades na sociedade.

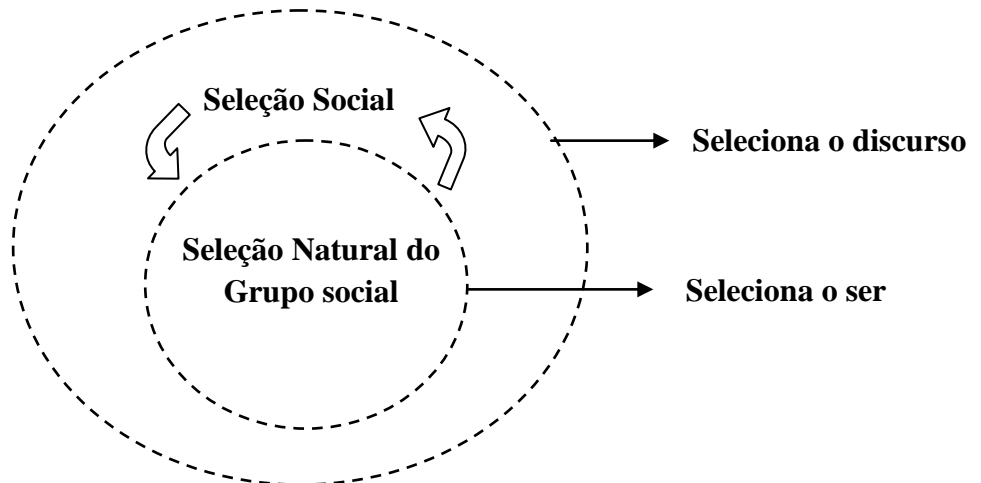
Isso pode ser percebido, quando ela é criada mediante imposição do padrão a ser seguido, contudo após a formação do grupo observa-se a necessidade de uma cooperação na manutenção das estruturas já postas, tal ato é fruto da tentativa de permanecer transmitindo o seu discurso e não ser extinto no processo de seleção social.

Portanto percebe-se que as identidades estão inseridas numa seleção social qualificada em estratificar e eliminar os discursos, esse processo seletivo tem a função de eliminar o discurso e identificação comunitária menos adaptada permitindo para a mais adaptada o próximo estágio do processo de estratificação discursiva que está embasado e submetido às forças do poder subjetivo e objetivo do discurso, compreendendo como base para isso a Tríade Discursiva do Espírito Social.

O discurso mais adaptado para chegar à etapa da estratificação é caracterizado por proporcionar elementos de cooperação com o discurso do emissor, logo o que proporciona menos cooperação será eliminado ou tenderá a ser desqualificado sendo submetido aos processos de penalização do poder objetivo e das sanções. Em síntese pode-se afirmar que para um grupo se propague sua identidade e ganhe aceitação na sociedade é preciso que ela seja submetida à seleção social.

Pode-se entender que a diferença entre as seleções desse processo, quando individualizamos o ser na seleção natural do grupo social entendida como o divisor de águas dentro do grupo, enquanto o ser inserido na sociedade, podendo isso ser exemplificado no seguinte esquema.

Figura 1- Seleções sociais



Essas seleções se intercomunicam na medida em que o discurso de um grupo consiga tornar-se discurso social, tal possibilidade é possível pela fluidez e flexibilidade do discurso, como se percebe abaixo.

Tabela 1

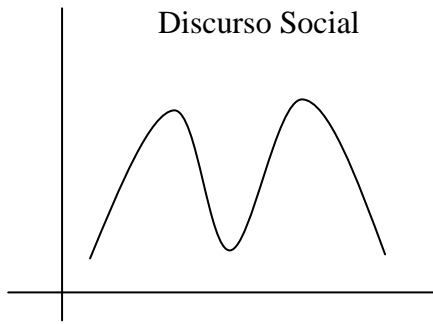
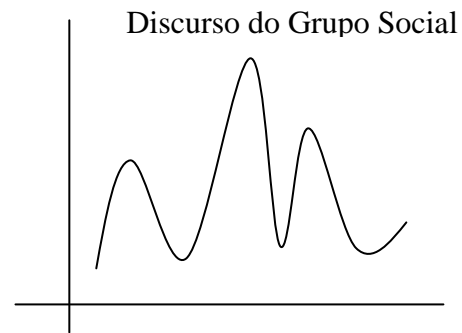


Tabela 2

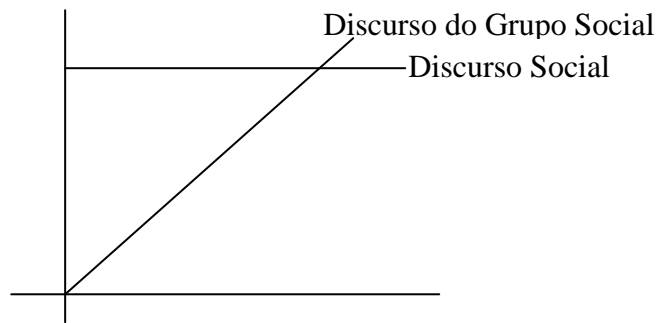


A tabela 1 nos apresenta a compreensão de que o discurso social possui seu auge e declínio, logo de acordo com as pressões sociais é possível um discurso declinar, entretanto ainda que isso ocorra, ele não se altera por completo, mas busca adaptar-se inserindo para si uma nova face, pois ele é a base se organização de uma sociedade.

Logo a necessidade de flexibilização discursiva e intercomunicacional dele é estratégico, pois sabendo das diversas formas de estruturação como uma forma de precaução e preparação ao enfrentamento discursivo, o social permite sua alteração e modernização a fim de tentar manter sua estrutura.

Na tabela 2 percebe-se que o discurso dos grupos sociais podem assumir o poder, mas para tal precisa desempenhar uma forma de cooperação agressiva com o discurso social, pois se tal medida não for tomada ele não conseguirá superar o já existente, entretanto ainda que consiga superar o discurso social encontrará problemas no que se refere a disposição da sociedade já existente, porque a maquina societária possui para sua manutenção peças e engrenagens que para serem retirados requereria uma forte modificação e reformulação do maquinário, isso seria um confronto total com aquilo edificado anteriormente e conseqüentemente uma aculturação e negação da memória.

Nesse aspecto compreende-se que não há discurso neutro, mas eles se intercomunicam, assim como a cultura é a memória de uma sociedade, porque ela constrói a história. Assim é possível organizarmos numa tabela a disposição e relação entre os discursos.



Com fulcro nessa análise social de organização e seleção social pode-se perceber a discussão de autonomia e reconhecimento social dentro do funk e presença da mulher em suas músicas.

Autonomia X Reconhecimento da mulher no funk: o dilema do reconhecimento

Insere-se nesse ambiente o funk, na medida em que recebe diversos preconceitos por seu estilo e músicas oriundas de suas bandas, acrescentam-se a essa análise a discussão de gênero nas leituras das letras musicais, a fim de verificar um debate sobre autonomia e reconhecimento da mulher partindo da compreensão dos diversos liames que compõem o estudo de gênero, portanto foi tomado como banda a Gaiola das Popozudas com as seguintes músicas:

- Letra 1(L1): Agora Eu sou piranha e ninguém vai me segurar:
 - ✓ Eu vou pro baile, Eu vou pro baile/Sem calcinha!/Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar!/Daquele jeito/Sem, sem calcinha!//Eu eu eu eu eu eu eu eu/Eu vou pro baile procurar o meu negão/Vou subir no palco ao som do tamborzão/Sou cachorrone mesmo e late que eu vou passar/Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar!//DJ aumenta o som!//No local do trepa-trepa eu esculaxo tua mina,/No completo ou no mirante outro no muro da esquina ,/Na primeira tu já cansa eu não vou falar de novo/Ai que piroca boa, bota tudo até o ovo/Eu queria andar na linha, tu não me deu valor/Agora eu sento, soco, soco, topo até filme pornô/Gaiola das Popozudas agora vai falar pra tu/Se elas Brincam com a xereca eu te do um chá de Cu!/Se elas Brincam com a xereca eu te do um chá de Cu!//Sem sem calcinha (2x)/ Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar/Daquele Jeito.../Eu eu eu eu eu eu eu eu/Eu vou pro baile procurar o meu negão/Vou subir no palco ao som do tamborzão/Sou cachorrone mesmo e late que eu vou passar/Agora eu sou piranha e



ninguém vai me segurar/DJ aumenta o som/No local do trepa-trepa eu
esculaxo tua mina/No completo ou no mirante outro no muro da
esquina/Na primeira tu já cansa eu não vou falar de novo/Aí que piroca
boa bota tudo até o ovo/Aí que piroca boa bota tudo até o ovo//Eu queria
andar na linha tu não me deu valor/Agora eu sento, soco, soco, topo até
filme pornô/Sem sem calcinha(4x)

- Letra 2 (L2): Larguei meu marido:
 - ✓ Só me dava porrada!!!/E partia pra farra!!!/Eu ficava sozinha, esperando
você/Eu gritava e chorava que nem uma maluca.../Valeu muito obrigado
mas agora virei puta!!!/Valeu muito obrigado mas agora virei
puta!!!/Valeu muito obrigado-gado-gado...//se-se-se-se-se-se-se-se uma
tapinha não doi..//eu-eu-eu-eu-eu-eu-eu-eu falo pra você.../segura esse
chifre quero ver tu se fuder!!/segura esse chifre quero ver tu se
fuder!!/segura esse chifre quero ver tu se fuder!!/segura esse chifre-
chifre-chifre...//Eu lavava passava!!!/Eu lavava passava.../tu não dava
valor!!/tu não dava valor../agora que eu sou puta você quer falar de
amor!!!/agora que eu sou puta você quer falar de amor!!!
ago-ago/a não adianta-anta-anta...//so-so-so-so-so-so-somi-so me
dava porrada!!!/e partia pra farra!!!/eu ficava sozinha esperando
você..//eu gritava e chorava que nem uma maluca!!!/valeu muito obrigado
mas agora agora virei puta!!/ Valeu muito obrigado mas agora virei
puta!!!/Valeu muito obrigado mas agora virei puta!!!/Valeu muito
obrigado-gado-gado...//se-se-se-se-se-se-se-se-se-se uma tapinha não doi..//eu-
eu-eu-eu-eu-eu-eu falo pra você.../segura esse chifre quero ver tu se
fuder!!/segura esse chifre quero ver tu se fuder!!!/segura esse chifre
quero ver tu se fuder!!/segura esse chifre-chifre-chifre...//Eu lavava
passava!!!/Eu lavava passava.../tu não dava valor!!/tu não dava
valor../agora que eu sou puta você quer falar de amor!!!/agora que eu
sou puta você quer falar de amor!!!/ago-ago não adianta-anta-anta...
- Letra 3(L3): As meninas super poderosas
- Eu sou a lindinha/E falo pra você/Se tu tá preparado/Vem achar meu ponto g//Eu
sou a docinho/Demoro de.../Boto o bico pro alto/Eu vou zoar até de manhã//Eu
sou a florzinha/E aí mano fiel/Sem neurose/Tá tranquilo/Nós já vamos pro
motel//Sem neurose/Tá tranquilo/demorô de formar/Gaiola das popozudas/Bota
a chapa pra esquentar/Se liga na fita do dj pacao/Acho bom tu ta ligado/Pra
encarar as popozudas/Tu tem que tá preparado/Então não marque vacilação/Aí
vem as poderosas/Preparadas assanhadas/Bem disinibidiosa/Se liga nesse
papo/Pra aturar tem que ser facão/As super poderosas vão zuar o seu
plantão//Que bom/Vão zuar o seu plantão//Quem já viu gosta de ver/Quem não
viu para pra ver/As super poderosas vão fazer você gemer.

Na L1 a mulher é comparada a figura de uma piranha com uma imagem de
liberdade sexual, onde ninguém pode mais prendê-la, como declara em “Agora eu sou
piranha e ninguém vai me segurar!”. Esse empoderamento a faz decidir com quem fazer
sexo, colocando o homem como um mero objeto para sua volúpia. Uma das imagens



mais expressivas é a ausência de calcinha, pois cria no subjetivo a preparação para o sexo e rompimento de normas de bons costumes sobre a roupa íntima.

Nessa música existe o confronto entre a mulher recém chegada e a compromissada para o ato sexual, nesse confronto a primeira se coloca como aquela que pode oferecer mais prazer sexual ao homem em comparação a segunda. O empoderamento nessa etapa é grande, pois nela ocorre a diminuição e desafio a masculinidade, por localizar o pênis do pretende entre satisfatório ou não, conforme se percebe em: “Na primeira tu já cansa eu não vou falar de novo/Ai que piroca boa, bota tudo até o ovo”.

Após transmitir todo seu poder sexual, a ela se apresenta ao ouvinte como uma mulher conhecida e não valorizada por ele, portanto em resposta a desvalorização masculina buscou-se uma autonomia sexual e independência colocando agora o lado viril como um mero objeto, como se observa no seguinte trecho: “Eu queria andar na linha, tu não me deu valor/Agora eu sento, soco, soco, topo até filme pornô/Gaiola das Popozudas agora vai falar pra tu/Se elas Brincam com a xereca eu te do um chá de Cu!/Se elas Brincam com a xereca eu te do um chá de Cu!”.

Na L2 a história de empoderamento muda para uma situação de violência em que a esposa é utilizada como mero objeto e sofre física e psicologicamente, entretanto encontra uma valorização pessoal na autonomia sexual longe do lar e responde ao seu marido com formas de humilhação.

A história dessa mulher é a representação de uma boa esposa “Eu lavava passava!!!/Eu lavava passava.../{...}Eu ficava sozinha, esperando você”, a atitude do esposo era “Só me dava porrada!!!/E partia pra farra!!!”, em consequência disso ela age drasticamente e em seguida o marido busca fazê-la voltar a opressão, entretanto ela reagi declarando: “Valeu muito obrigado mas agora virei puta!!!{...} agora que eu sou puta você quer falar de amor!!!/agora que eu sou puta você quer falar de amor!!!{...} se-se-se-se-se-se-se-se uma tapinha não doi../eu-eu-eu-eu-eu-eu-eu-eu-eu falo pra você../segura esse chifre quero ver tu se fuder!!/segura esse chifre quero ver tu se fuder!!”. Nesses pontos observa-se a situação crítica que essa esposa vivenciava e busca de ter algo que lhe era negado pela situação de violência de seu marido, em resposta a isso ela agredi-o verbalmente.

Na L3 a liberdade sexual da mulher é testada ao máximo, pois nela a mulher pede para ser penetrada com o fim de obter orgasmo sexual, mas para que um homem possa chegar perto dela é necessário ele ter um padrão determinado, porque quem define



o sexo é ela e não mais o masculino, consoante os seguintes versos: “Eu sou a lindinha/E falo pra você/Se tu tá preparado/Vem achar meu ponto g//Eu sou a docinho/Demoro de.../Boto o bico pro alto/Eu vou zoar até de manhã{...}Bota a chapa pra esquentar/Se liga na fita do dj pacao/Acho bom tu ta ligado/Pra encarar as popozudas/Tu tem que tá preparado/Então não marque vacilação/Aí vem as poderosas/Preparadas assanhadas/Bem disinibidiosa/Se liga nesse papo/Pra aturar tem que ser facão/As super poderosas vão zuar o seu plantão”.

Um dos aspectos mais interessantes dessa L3 é a possibilidade da quebra da relação de fidelidade matrimonial, em que até o homem casado é chamado para atender as necessidades sexuais dessa mulher, pois para sua satisfação ela não deseja saber quem é ou o estado social, mas simplesmente desejam um homem no estágio de potencia sexual definido.

O que essas músicas de funk têm em comum é o poder dado de autonomia sexual as mulheres, fato que tempos atrás era impensável, em todas as letras referidas é o feminino quem determina como deve ser o sexo e, além disso, ela responde a altura para o seu marido quando o mesmo não corresponde aos seus desejos.

No entanto, Rubin mostra que muito mais é esperado sexualmente do casamento, tanto pelas mulheres quanto pelos homens, do que em geral ocorria nas gerações anteriores. As mulheres esperam tanto receber quanto proporcionar prazer sexual, e muitas começaram a considerar uma vida sexual compensadora como um requisito chave para um casamento satisfatório. A proporção de mulheres casadas há mais de cinco anos que têm encontros sexuais extraconjugais é, hoje, em dia, virtualmente a mesma que aquela dos homens. GIDDENS (1992, p.21 e 22)

Com base nisso observa-se uma autonomia sexual feminina, pois ela é quem busca o prazer, ganha força e forma de libertação perante sua imagem social de prisão sexual pelas leis contratuais do matrimônio e do contrato sexual.

Contudo apesar dessa possibilidade encontra-se um dilema de reconhecimento social presente nesse momento, pois mesmo com tal autonomia não há reconhecimento social que modifica a imagem do ser feminino, pois as medidas de autonomia são feitas numa relação hetero, como resposta a um homem, o desejo de prazer feminino também se condiciona a uma satisfação viril e nessa inversão falta atingir as bases de poder que configura a imagem da mulher, portanto essas músicas manifestam uma autonomia sexual sem precedentes, entretanto não permite um reconhecimento sexual, porque a figura feminina é influenciada direta ou indiretamente pelo masculino.



Isso permite compreender a existência de um dilema de reconhecimento, pois se percebe que dentro da sociedade é possível haver o reconhecimento legal e social, sendo o primeiro o permissivo jurídico de proteção diferenciada e de necessidade do reconhecimento do indivíduo, já o social entende-se o reconhecer de fato, em que o grupo mesmo não protegido legalmente encontra-se protegido na sociedade.

Essa realidade acontece, porque ao se normatizar a proteção não houve uma antecipação de reconhecimento social, logo o grupo ainda com leis protetivas fica desprotegido pelo Estado pela falta de efetivação desse cuidado.

A consequência disso é a permanência de uma relação de poder em que o grupo encontra-se excluído, pois dentro do processo de seleção social do grupo, a mulher permanece depreciada na sociedade, porque o discurso criado e recriado sobre ela não busca atingir as relações de poder.

Conclusão

Pode-se inferir que a inserção da mulher no funk traz uma autonomia sexual anteriormente não encontrada na sociedade proporcionando-a um poder de desejo em sua sexualidade mais abrangente, contudo manifesta um problema refletido pela inserção da mulher no social. Assim entende-se um avanço de liberdade ainda não existente, mas o avanço não atinge estruturas necessárias para a mudança de identidade da mulher, por representar apenas uma face aparentemente inclusiva da sociedade.

Esse problema é o dilema do reconhecimento, pois ela adquire legalmente a proteção e reconhecimento estatal, mas lhe falta o reconhecimento social originando o supra dilema, a consequência disso é a permanência de um discurso opressor dentro das relações de poder e consequentemente a manutenção de inferioridade na imagem feminina.

Nesse contexto convém observar que a mudança dessa realidade se situa na criação de uma nova imagem dissociada daquilo criado para a mulher, enquanto ser social buscando separar a compreensão de sua consciência de si apartada da influência do discurso predominante com o fim de encontrar e amoldar sua própria caracterização e formar seu espaço social.

Para tanto é necessário uma reconfiguração daquilo que se define como mulher dentro da sociedade através da compreensão fluída das categorias e o reconhecimento do próprio grupo na sua produção de identidade com o objetivo de adquirir seu espaço político dentro do contexto econômico das identidades.



O motivo disso é porque a definição do conceito feminino relaciona-se diretamente no mercado das identidades como resquícios do não exercido pelo masculino, logo não existe uma imagem própria, mas aquilo que criaram e emitiram acerca dela.

A pedagogia do gênero e do discurso de sexualidade como mecânica sistematizada edifica dentro da sexualidade um conjunto de elementos que proporcionam a permanência depreciada da mulher.

Nesse contexto a presença de políticas públicas que trabalhem com o discurso torna-se de grande importância, porque se necessita da alteração de um processo discursivo sobre as identidades.

Portanto para uma verdadeira mudança é necessário uma nova definição de identidade a partir de uma separação daquilo dito e não dito, para redefinir as bases e construir uma nova perspectiva identitária com o apoio de uma política estatal com enfoque na linguagem.

Referência Bibliográfica

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

_____. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **A história da sexualidade vol 1: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2010.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp, 1992.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

Gaiola das Popozudas. **Larguei meu marido**. Acesso em: <<http://letras.terra.com.br/gaiola-das-popozudas/1314905/>>. Data: 23/05/2012.

Gaiola das Popozudas. **As meninas super poderosas**. Acesso em: <<http://letras.terra.com.br/gaiola-das-popozudas/940311/>>. Data: 23/05/2012.

Gaiola das Popozudas. **Agora Eu sou piranha e ninguém vai me segurar**. Acesso em: <<http://letras.terra.com.br/gaiola-das-popozudas/1111700/>>. Data: 23/05/2012.